

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

041

O chimarrão que mata aos poucos

Série que lembra casos que marcaram a crônica policial gaúcha revisita rumoroso assassinato por envenenamento na Fronteira

Houve tempo em que envenenar com arsênico os desafetos, especialmente maridos, era prática usual.

Mulheres europeias usaram muito esse expediente. Lucrécia Bórgia, nascida nas proximidades de Roma, tornou-se a mais célebre delas. A história conta que, na Itália renascentista, ela deixava cair o veneno, contido num anel, na taça de vinho dos inimigos.

Uma gaúcha do Alegrete foi acusada, na metade do século passado, de assassinar o marido, adicionando doses homeopáticas de arsênico ao chimarrão. Tornou-se um dos quatro “crimes que comoveram o Rio Grande”, conforme o Memorial do Ministério Público.



Na edição de 7 de junho de 1949, a Gazeta de Alegrete, o mais antigo jornal gaúcho, publicou, na seção Necrologia: “Faleceu, no dia 5, o sr. Otacílio Carús Ribeiro, benquisto e prestimoso conterrâneo, pertencente a antiga e conceituada família local. Otacílio Ribeiro, que desaparece aos 54 anos de idade, residiu, nos últimos tempos, em Santa Maria, tendo retornado à sua terra há bem poucos dias, onde foi colhido pela morte.”

A partir daí, além das lamentações, começaram a circular na cidade estranhos comentários: Otacílio teria se suicidado e a família escondia isso, interessada nos seguros de vida.

Abelardo Carús, irmão de Otacílio, não acreditava em nada disso. Desconfiado, conseguiu autorização para exumar o cadáver. E a necropsia acabou por confirmar a suspeita: havia enorme quantidade de veneno no intestino do morto.

O Correio do Povo publicou em destaque, no dia 5 de agosto daquele ano: “Violenta dose de arsênico fulminou o fazendeiro”. E, no texto da notícia, a acusação de Abelardo: a viúva do morto, Alice Farias Carús Ribeiro, seria a responsável pelo envenenamento. Também um filho a acusou.



Otacílio era homem rico e a revelação do assassinato comoveu Alegrete e repercutiu em todo o Estado.

As investigações passam a revelar um emaranhado de conflitos familiares, envolvendo interesses financeiros e desavenças de origens diversas. Alice nega com todo o vigor qualquer responsabi-

lidade na morte do marido:

– Fomos casados durante 27 anos. Vivemos sempre na melhor harmonia. Nunca me faltou nada. Nunca ele me contrariou as vontades.

Essa teria sido a motivação do crime: vontades contrariadas. Alice queria viver em Santa Maria, para que a filha ficasse ao lado do namorado. Otacílio não pretendia estar longe de Alegrete e de suas terras.

– Não culpo meu filho pelas infâmias que me são assacadas. Ele não tem culpa – disse Alice. – É um enfermo mental que sempre nos deu imenso trabalho. Acuso, sim, o sogro dele.

E sugere que este pode ser um dos matadores de Otacílio. Ela garante que foi depois de uma ida à casa do sogro do filho que o marido passou a se sentir mal.



Apesar de todos os protestos de inocência, a viúva foi denunciada pelo promotor:

– Ela colocava o veneno às ocultas no chimarrão. Morreu aos poucos.

Depoimento essencial foi o do médico que atendeu Otacílio, quando ele passou a se sentir mal. O fazendeiro lhe disse, desmentindo a tese do suicídio:

– Doutor, me examine bem, que parece que estou envenenado.

Entre os advogados de defesa estava uma mulher, num tempo em que também os júrís, antes reservados aos homens, passavam por mudanças. E isso foi decisivo, conforme o depoimento do promotor Paulo Moraes Dutra, responsável por acusar Alice: “(...) a absolvição se devia ao trabalho comovedor de mulher para mulher – sustentado, com muita felicidade, pela Dra. Judete Stigler Albuquerque – e também pelo fato de a ré ser muito ligada à Igreja Católica”.

Alice foi absolvida por quatro a três, em julho de 1950, pouco mais de um ano depois da morte do marido.



Um fato insólito ocorreu no julgamento.

O consagrado professor Salgado Martins era outro advogado de Alice. E no final da sua peroração, quem sabe traído pelo subconsciente, ao invés de pedir a absolvição da constituinte, ele proclamou:

– Isto posto, peço ao tribunal do júri de Alegrete a condenação da ré.

O crime

Vítima:

Otacílio Carús Ribeiro

Época do crime:

Junho de 1949

Cidade:

Alegrete

Principal suspeita:

Alice Farias Carús Ribeiro, mulher da vítima

Motivação:

Interesses divergentes



REPRODUÇÕES



Alice foi acusada de adicionar doses diárias de arsênico no mate sorvido pelo marido. Crime no final dos anos 40 comoveu Alegrete e teve forte repercussão



Foi absolvida, ontem, em Alegrete, a sra. Alice Carus

Apos movimentada sessão do júri, o Conselho de sentença pronunciou-se favorável, por 4 votos contra 3 — Apelarà da sentença a Promotoria Pública.

Apesar de ato falho de advogado da ré no julgamento, Alice acabou absolvida da acusação de matar o marido